

## AS CHEGADAS DOS PALHAÇOS:

### Ritual e Conflito dentro da Festa do Arremate na Folia de Reis

Luiz Gustavo Mendel Souza<sup>1</sup>

#### Resumo:

Este trabalho visa explorar o período de apresentação dos palhaços dentro da *festa do arremate* da folia de reis, analisando suas intensas relações agonísticas. O texto proposto pretende expor três análises etnográficas realizadas nos *pedidos de chegadas dos palhaços*. Todas as três serão abordadas como “enquadramentos” e revelam as relações sociais estabelecidas, não somente entre os palhaços, mas a disputa, que entre os palhaços se estende para as suas respectivas folia de reis, pois neste momento o palhaço representa o seu grupo de folia de reis ali presente. Cada uma das situações etnográficas escolhidas ocorreu em anos diferentes, o que denota uma determinada constância desses conflitos nesse terreno conflitante, que traz à tona as frágeis alianças estabelecidas entre os grupos de folias de reis visitantes e o anfitrião.

Os casos etnográficos ocorreram nas *festas do arremate* do mestre Antônio José da Silva (mestre Fumaça) no município de São Gonçalo no Estado do Rio de Janeiro em anos diferentes e o intervalo de apresentação dos palhaços denota um forte caráter de competitividade para o reconhecimento do prestígio de ser um *bom palhaço*, capaz de versar e desencadear seus versos sem transgredir o *fundamento* da folia de reis. Será através das brincadeiras e das chulas que os palhaços irão manifestar suas performances, em concorrência com os demais palhaços de outras folias. Eles representavam seu grupo de foliões naquele momento e o reconhecimento dos demais se tornava uma questão de reputação e prestígio para a sua respectiva folia de reis.

Palavras-chave: Palhaços; Mestre; Conflito

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, orientando do Professor Dr. Daniel Bitter. Bolsista CAPES.

## 1. Os palhaços e o pedido para as suas chegadas: locais de conflitos e transgressões nas festas do arremate

Os palhaços passam por um processo ritual diferente dos demais foliões para a realização das *saídas das bandeiras*<sup>2</sup> de suas respectivas *sedes*<sup>3</sup>. Nas saídas que acompanhei o mestre Fumaça e sua folia<sup>4</sup>, tanto para as jornadas quanto para as festa do arremate<sup>5</sup>, pude notar como ocorre a preparação dos foliões para *as saídas da bandeira*. Os integrantes da folia se preparavam, fardando-se<sup>6</sup> do lado de dentro da *sede* do mestre, pegavam seus instrumentos e se posicionavam no ambiente. Mestre Fumaça<sup>7</sup> acendia uma vela e a depositava próximo a um copo d'água em frente à bandeira<sup>8</sup>.

Os dois primeiros objetos rituais são oferecidos ao *anjo da guarda para que proteja a bandeira e os foliões*. O mestre Fumaça e o contramestre Liobardino Vianna se posicionavam próximos à bandeira. Penha, a bandeireira, ficava diante da bandeira, aguardando a retirada desta da *sede*. Essa organização denota a existência de hierarquia entre os foliões. Seguiu o momento do entoar das *ladainhas*, cânticos parecidos com as *profecias*<sup>9</sup>, mas que são direcionados aos santos para a proteção da bandeira e dos foliões, *guardando os caminhos de todos os perigos, pois essa é uma missão sagrada*.

Logo após, é o momento de o mestre Fumaça interceder por Alan e seu neto Kauã, que irão se fardar de palhaços. Eles se encontravam do lado de fora da *sede*. Quando o

---

<sup>2</sup> As categorias nativas serão escritas em itálico e as categorias de análise serão expostas entre aspas.

<sup>3</sup> Locais onde são organizadas as folias de reis e são depositados todos os elementos rituais.

<sup>4</sup> As folias de reis são grupos rituais formado por cantadores e tocadores de instrumentos devotos dos santos reis magos. Suas saídas rituais para levar a bandeira à casa dos devotos são realizadas no período da noite de Natal (24 de dezembro) ao dia de são Sebastião (20 de Janeiro, santo padroeiro do Estado do Rio de Janeiro), estas práticas rituais são conhecidas como *jornadas ou giros*. Pelo fato da maioria destes devotos se encontrarem em um ambiente urbano e terem vínculos empregatícios, suas saídas rituais são realizadas nos fins de semana.

<sup>5</sup> São as festas onde ocorrem o encontro de folias de reis, durante o ano os mestres se convidam para as realizações das suas festas, onde são abertas as portas de suas casas para o recebimento destes grupos rituais. As festas são realizadas à noite com a chegada das folias, existe toda uma preparação ritual dos terrenos que irão abrigar tal evento com a arrumação do *altar* para o *recebimento das bandeiras das folias de reis*, uma mesa de jantar aonde será oferecida comida para as folias visitantes e a abertura das portas das casas para o descanso dos foliões e seus acompanhantes, caso queiram dormir em uma festa que permeia toda a madrugada e chega a se estender até as três horas da tarde do dia seguinte.

<sup>6</sup> A indumentária dos foliões é chamada de farda.

<sup>7</sup> Antônio José da Silva, mestre da folia de reis bandeira Nova Flor do Oriente do município de São Gonçalo, Rio de Janeiro. As festas do arremate relatadas nesta pesquisa são realizadas dentro do quintal do mestre, onde se localizam a casa, a sede da folia e o terreiro em que se realiza os eventos.

<sup>8</sup> A estrutura hierárquica das folias de reis são bem rígidas com a figura do mestre e contramestre para organizar e fiscalizar a folia, além de iniciarem e regerem a cantoria. Os instrumentistas são monitorados a todo o momento da realização ritual.

<sup>9</sup> São versos entoados que remetem a narrativa mitológica das saídas dos santos reis magos para a visitação do menino Jesus e a sagrada família.

mestre entoava os versos para a proteção destes dois foliões em especial, Alan e Kauã entravam de joelhos e iam se aproximando da bandeira sem a máscara. O mestre Fumaça entoava os seguintes versos:

*Entra de joelhos para falar com Jesus  
Se levanta e fica em pé, pois todos somos irmãos.  
Cantar reis não é brinquedo  
Cantar reis é uma missão.*

As saídas das bandeiras é uma missão sagrada, deixada pelos três reis magos. Quando o mestre Fumaça menciona que *cantar reis não é brinquedo*, ele está exortando, não somente os palhaços, mas todos os foliões para a seriedade de realizar a *missão* deixada pelos santos reis. Em uma de minhas primeiras entrevistas com o mestre Fumaça sobre o *fundamento*, ele relatou que a origem da folia de reis estaria na bíblia, no momento do retorno dos santos reis após adorarem o menino Jesus:

*Aí eles foram e foram acompanhando, né?. Aí eles começaram da praça pra lá, eles começaram a cantar e de alegria e de baterem até chegarem na casa de Baltazar. E cantando e o povo acompanhando. Quando eles chegaram na casa de Baltazar, aí levaram um tempo cantando pro povo, e o povo... Aí eles dançavam e os outros pulavam, aí o nego falou assim:  
-Você veja só, essa visita que nós fizemos, que alegria para nós, né?. Veja só esse povo que folia que formou, né? Que folia que formou! Mas formada por quem? Formada por nós três reis!  
Aí batizou a missão. Então aí que tá a nossa origem e por aí vai, por aí tem muita coisa. Isso aí é a passagem que tem na bíblia dos magos. A passagem, na bíblia. Na bíblia consta a vinda dos três magos que você vai ver a vida dos três reis magos, diz na bíblia. Então é isso aí, então essa aí que é a origem da folia de reis, mas tem por aí é que vai.*

E, para a realização dessa *missão*, o mestre Fumaça entoava seus cantos voltados à proteção dos seus palhaços. Os versos da *ladainha*<sup>10</sup> não eram os únicos elementos rituais utilizados. Antes das saídas das folias das *sedes*, a bandeira de reis era passada pelo corpo e farda dos dois. O único elemento que não entrava em contato com a bandeira era a máscara. Nas palavras do antropólogo Daniel Bitter:

Os *palhaços* são tipos sempre cercados de obrigações, regras e restrições, bem como de prescrições. Quando mascarados, eles costumam ser impedidos de entrar em igrejas ou em outros lugares considerados “sagrados”, ou de se aproximarem demasiadamente da *bandeira* ou de imagens de santos. Eles também não devem fazer as refeições junto dos *foliões*. Considera-se, por vezes, perigoso tocar em suas vestes ou *máscaras*, e o motivo de tanto cuidado e de certo rigor das regras de “poluição” se deve aos múltiplos significados a

<sup>10</sup> Rezas em versos baseados no fundamento da folia de reis.

eles atribuídos. Algumas interpretações relacionam o *palhaço* com o Diabo e com outras imagens negativas. Podem ainda estar relacionados a Exu e, desse modo, evidencia-se também alguma associação com o mundo dos *espíritos*. Trata-se, afinal, de um pólo simbólico, “multivocal”, para usar a expressão de Turner (1962). Como propõe o autor, os seres ambíguos são indefinidos e posicionados além da estrutura social. Isso os torna desobrigados a cumprir certas normas sociais, o que os coloca em estreita relação com os poderes não-sociais ou associativos da vida e da morte. (BITTER, 2008, p. 151-152)

O palhaço assume um papel polissêmico (TURNER, 2005) dentro da folia de reis: ora ele é a representação dos perseguidores de Cristo, ora é a representação do mal, do demônio, *do Judas que se arrependeu e hoje protege a bandeira*<sup>11</sup>. Na folia de reis, se acaso um palhaço fardado se aproximasse do altar com as bandeiras ou do presépio, estaria transgredindo o *fundamento* da folia de reis. Essas figuras bizarras estão imersas em um ambiente de obrigações e proibições que podem acarretar o perigo para aquele que se farda e não domina as noções básicas do *fundamento* das folias:

O elemento principal que caracteriza esses personagens, todavia, não é a *farda* ou o cajado, mas, sim a máscara. Um palhaço sem máscara não está fazendo a imitação dos soldados de Herodes, podendo, por exemplo, entrar no interior de uma casa ou andar sem perigo pela rua. Com a máscara na cara, as coisas mudam e recomenda-se que eles nunca saiam de perto da bandeira, quando a Folia caminha pela rua. Casos de palhaços que, ao desrespeitarem essa regra, tomaram surra sem saber de quem apanhavam ou até sumiram em encruzilhadas, são abundantes. (CHAVES, 2013. p.58).

Após a apresentação de todas as folias na festa do arremate, é dado o momento das *chegadas* dos palhaços de reis no *terreiro* do mestre<sup>12</sup>. O período é o romper da manhã. A partir das seis horas da manhã os palhaços pedem a *licença para fazer suas chegadas*. Essa apresentação é um intervalo de tempo em que a performance<sup>13</sup> individual dos palhaços demarca se eles são, ou não, *bons* representantes de suas respectivas folias. A performance é corporal, dada através de cambalhotas, danças e outros recursos corporais, mas o destaque está nas chulas – versos entoados pelos palhaços, com forte caráter de improviso<sup>14</sup>. Nesse momento, a oralidade demarca o seu território, mas, além

<sup>11</sup> Este último exemplo da polissemia do palhaço foi citado pelo palhaço da folia de reis Estrela da Guia, do mestre Waldir de Campo Grande.

<sup>12</sup> Categoria nativa que define o terreno da casa do mestre, aonde são organizadas a estrutura do altar, o local que serão acomodados os convidados e a mesa de jantar.

<sup>13</sup> Me aproximo aqui da noção de performance de Richard Schechner: “uma definição de performance pode ser: comportamento ritualizado/permeado pelo jogo. Rituais são uma forma de pessoas lembrarem. Rituais são memórias em ação, codificadas em ações. Rituais também ajudam pessoas (e animais) a lidar com transições difíceis, relações ambivalentes, hierarquias e desejos que problematizam, excedem ou violam as normas da vida diária” (LIGEIRO, 2012:49)

<sup>14</sup> A valorização da performance oral dos palhaços não é um fator universal. Na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, os versos são o foco dos palhaços e fator crucial para seu reconhecimento perante

disso, a capacidade de improvisação é o instrumento de reconhecimento de prestígio daquele palhaço. A apresentação não é concomitante com os demais palhaços, é uma seguida da outra, em um intervalo de 15 a 20 minutos, que são concedidos pelo dono da festa. Logo, a performance do primeiro palhaço tende a exigir uma primazia em seus versos, pois o próximo palhaço utilizará os mais sofisticados recursos orais para desbancá-lo.

Na realidade, a apresentação do palhaço é uma exposição de um conjunto de fatores diante do público. As vestes do palhaço é o primeiro item a ser avaliado junto à máscara. Esses dois elementos fazem com que as pessoas se aglomerem diante da folia para tirar fotografias da indumentária desses personagens. Nas festas do arremate que acompanhei, na folia de reis Nova Flor do Oriente, pude perceber que, a cada chegada de uma folia de reis diferente, as pessoas com máquinas fotográficas e celulares na mão se juntavam para registrar o momento das *topagens* das bandeiras<sup>15</sup> e concentravam boa parte de suas fotos para a indumentária do palhaço. Se esse é o primeiro elemento a ser exposto, os demais recursos avaliados são vocais, corporais, a capacidade de improvisar e trabalhar com expressivos retóricos de memória, desencadeados nas apresentações. Cito o exemplo das chulas do palhaço Sete Encruzilhadas, da folia de reis de Morro dos Macacos, no Rio de Janeiro, em uma das festas de arremate do mestre Fumaça:

*Bom dias meus amigos  
O bom dia, boa tarde  
O meu nome é esquisito.  
Meu nome é Sete Encruzilhadas.  
Quando eu chego no terreiro  
Eu chego levando graça.  
Vocês me dão licença  
Pra fazer minha chegada.*  
(soa o apito do mestre e a folia começa a tocar)

*Desde pequenininho  
Do tamanho de um botão  
Eu sou moleque falado  
Meu nome é João.  
Eu vou te dar um abraço*

---

os demais versadores e o público. Porém, em uma pesquisa de campo na cidade de Valença, região do vale do Paraíba do Sul no centro-sul do Estado do Rio de Janeiro, em um encontro de folias de reis era notório o destaque dado à performance corporal do palhaços.

<sup>15</sup> É o ritual realizado no encontro de duas folias em uma festa do arremate, a folia visitante para em frente a folia anfitriã e as bandeira dos dois grupos se encontram topando as bandeiras, cruzando estas. Logo após, as bandeiras são trocadas entre as bandeireiras que passam pelo corpo de cada um dos foliões, menos o palhaço. Ao final as bandeiras são devolvidas para suas respectivas folias e a folia visitante é direcionada ao altar junto a folia visitante.

*Abraço do coração  
Vem cá, meu anjinho,  
Falar com seu João.  
Eu sou moleque falado  
Falado.  
Eu vou te dar um abraço*

(chula do palhaço Sete Encruzilhada, na festa do arremate do mestre Fumaça, em 2013)

Primeiramente, os palhaços pedem *licença para fazer suas chegadas* e se apresentarem. As improvisações se dão no momento em que esses palhaços interagem com o público ali presente. No caso do palhaço Sete Encruzilhadas, esse processo se dá na interação com uma criança, o *anjinho*, que o estava observando, oferecendo-o, o palhaço, *um abraço do coração*.

Quanto às *chulas*, estas são versos de memória, baseadas em livrinhos de versos populares ou improvisações. “O caráter desses versos é fortemente cômico, tendo muitas vezes o público ou mesmo o próprio dono da casa, como alvo de suas brincadeiras” (BITTER, 2010,p.57). Após as apresentações, os palhaços pediam *permissão* ao mestre dono para poder *pegar no livro*, que remetia a esses versos populares, relatando a vida de personagens da cultura popular, como *as pelejas de Riachão, Antônio Silvino no sertão*, ou, como no caso que transcrevo abaixo, *Maria Rochinha Neta, a poetisa baiana*. Pedir a *permissão para pegar no livro* era demonstrar para os espectadores a capacidade que o versador tinha de gravar uma grande quantidade de versos na memória, o que aumentava o prestígio deste diante dos demais palhaços.

*Meus amigos, meu Jesus  
Complica aqui minha mente  
Eu vou fazendo meus versos  
Tão alegre estou contente.  
Eu vou pegar um livro, gente,  
Mas eu vou ter que explicar  
Não é pra maltratar os parentes.  
Vocês podem acreditar.  
Sanfoneiro puxa o baile  
Que o livro eu vou pegar.  
Minha estava contando  
Uma alagoana.  
Chegou uma violeira  
Moça bonita e bacana  
Maria Rochinha Neta,  
A poetisa baiana.  
E achou, nunca pensou  
Em sentir um susto daquele.  
Quando a moça chegou  
Ficou olhando pra ele  
E ele, com medo da moça,*

*E a moça, com medo dele.  
Ele disse: senhorita,  
Vamos fabricar um repente  
Bem que você canta bem.*

*É poetisa valente,  
Encarou muitos cantores  
Mas comigo é diferente:  
Quero lhe fazer ciente  
Enquanto sujeito bole,  
Comigo leva cacete.  
Apanha que fica mole, Horizonte  
E se parece com sapo.  
Eu acho que a cobra engole  
Se você comigo bole.  
Se assanha na brincadeira  
Põe o repente pra fora  
Ponho você na brincadeira.  
Se parece com um rato  
Que caiu na ratoeira  
Eu rasgo sua bandeira  
E lhe aviso desde já  
Que sua banda é pesada,  
Pode vir de lá para cá.  
Quem tem medo de Besouro  
Não assanha Mangangá  
(Chula do palhaço Russinho na festa  
do arremate do mestre Fumaça, em 2012)*

Toda a performance é avaliada pelo público: se o palhaço era *bom* ou não em seu repente, se ele desencadearia bem os versos, pedindo licença para o mestre e se apresentando para os demais, se ele versava de maneira desinibida ou contida. Quando ele finalizava seus versos, dizia: *já fiz bonito nos versos, agora eu vou fazer no pé! Senta o dedo, sanfoneiro, chora viola, caixa de guerra!* Nesses intervalos, os palhaços de todas as folias realizavam uma espécie de confronto verbal, que em alguns casos acabavam em confrontos corporais, como relatavam alguns foliões.

Para poder explorar melhor esse período de intensas relações agonísticas, os próximos parágrafos se concentrarão em expor três situações conflituosas analisadas através da estrutura do “enquadramento”<sup>16</sup> inserido no momento dos *pedidos de chegadas dos palhaços*. Todas as três situações etnográficas revelam as relações sociais estabelecidas, não somente entre os palhaços, mas a disputa, que entre os palhaços se estende para as suas respectivas folia de reis, pois neste momento o palhaço representa o

---

<sup>16</sup> Aqui me aproximo da noção de “enquadramento” desenvolvido por Gregory Bateson (2000) e Erving Goffman (2006), onde o recorte de pequenas interações cotidianas colaboram para a formulação e desenvolvimento dos sujeitos no mundo. Estas situações conflituosas estão permeadas por regras e posturas de conduta moral dentro do festejo da folia de reis, possibilitando o desenvolvimento da análise antropológica através dos comportamentos assumidos pelos sujeitos através dos enquadres.

seu grupo de folia de reis ali presente. Cada um dos casos analisados ocorreu em anos diferentes, o que denota uma determinada constância desses conflitos nesse terreno conflitante, que traz à tona as frágeis alianças estabelecidas entre os grupos de folias de reis visitantes e o anfitrião.

### 1.1. Caso 1: *Você não tem mestre?!*

O primeiro “enquadramento” escolhido foi as anotações que fiz em um trabalho de campo realizado na festa do arremate do mestre Fumaça, nos dias 7 e 8 de dezembro de 2013. Eram seis horas da manhã e os palhaços das folias de reis visitantes se posicionavam para *pedirem licença* para fazerem suas *chegadas no terreiro do mestre*.

Foi na apresentação de um conjunto de palhaços de uma determinada folia de reis visitante<sup>17</sup> que as pessoas se aglomeravam para ver *a chegada dos palhaços ao terreiro*. Eles se apresentavam fora da estrutura de bambu, coberto de plástico, para proteger o altar, as bandeiras, o presépio e os participantes da festa, caso houvesse uma possível chuva. Entre a parte tapada e os palhaços, os foliões instrumentistas se posicionavam em forma de semicírculo para realizar sua apresentação sob o comando do palhaço, entre uma chula e outra.

Devido ao horário, muitos dos foliões, devotos e participantes da festa estavam exaustos em um festejo que *varava a madrugada adentro*. O mestre Fumaça já estava cansado e uma de suas filhas, a Mazinha<sup>18</sup>, colocou uma cadeira para que seu pai pudesse dar continuidade ao evento e descansar um pouco. O mestre – como anfitrião da festa – se posicionava entre os foliões instrumentistas da folia visitante e os palhaços. O conjunto de palhaços que se apresentava era formado por quatro integrantes, sendo dois adultos, com uma faixa dos 18 a 25 anos e duas crianças entre 4 e 6 anos<sup>19</sup>. A exclusividade nessa folia eram as crianças fardadas de palhaços, que conseguiam realizar chulas, mas infelizmente pelo fato de falarem baixo, e pela presença das máscaras,

---

<sup>17</sup> Não vou me referir ao nome da folia para garantir a integridade dos foliões. O mais importante neste artigo é o conflito desencadeado e a postura tomada por ambos os lados. Não identificá-los não alterará nada o resultado de nossa pesquisa.

<sup>18</sup> Lucimar Barcellos José da Silva.

<sup>19</sup> Durante a festa é muito comum os palhaços retirarem a parte de cima de suas fardas e as máscaras, por estes elementos serem muito pesados e desconfortáveis, só sendo utilizados nas apresentações mesmo. Ao retirarem esses elementos, os palhaços podiam circular pela festa, podendo comer com os foliões à mesa e olhar as bandeiras no altar e até mesmo o presépio.



acabavam por ter suas vozes abafadas, mas além delas, os palhaços adultos também se destacavam por serem exímios versadores.

Assim, foi em um dos momentos da performance oral que o mais velho dos palhaços<sup>20</sup> pediu licença ao mestre Fumaça para que ele pudesse *prestar homenagem ao presépio*. O mestre Fumaça, um senhor de 72 anos, estava sentado, semi-acordado<sup>21</sup>. Nesse momento, levantava-se com uma postura de autoridade. Seu rosto estava impassível e seu olhar transparecia uma seriedade que se manifestava em sua voz com um ar de desaprovação, dizendo: *Você não tem mestre?! O constrangimento do mestre de palhaço era perceptível em seu olhar e na postura que assumiu naquele momento, através da tensão corporal causada pelo espanto, por ter sido repreendido daquela forma. Ele questionava o mestre Fumaça por não ter compreendido a ação repressora, mas o mestre Fumaça lançava a mesma pergunta: Você não tem mestre?! Ora!*

Ao perceber o teor da represália recebida, o palhaço encerrava sua apresentação e iniciava uma performance corporal com algumas acrobacias. Após essa apresentação, o mestre de palhaço abandonou o local rapidamente, retirando a máscara, o que revelou sua expressão de raiva, deixando lá os três outros palhaços, que deram continuidade às suas chulas. Pude notar que a saída do mestre de palhaço foi agressiva, pois ele passava pelos espectadores de forma enérgica, esbarrando naqueles que encontrava no caminho e, ao sair do terreiro, retirou a máscara de maneira a expor sua indignação, por ter sido tratado daquela maneira.

## 1.2. A pessoa do mestre:

O primeiro “enquadramento” escolhido foi o mais recente e, por isso, um dos que mais me gerou dados de análise. Ela se deu na última festa do arremate que presenciei e, como se aproximava do período dos *giros das folias*, tive a oportunidade de confrontar esses dados com meus interlocutores. O período de *pedido de licença para os palhaços fazerem suas chegadas* concentra a atenção de todos os foliões, visitantes e organizadores

---

<sup>20</sup> Em alguns casos, essa liderança dentro do grupo de palhaços é chamada de mestre de palhaço, como no caso pesquisado por Wagner Chaves (CHAVES, 2013, p.60.)

<sup>21</sup> O cansaço se daria, não apenas por estar acordado a madrugada toda recebendo as folias, mas também pela preparação da festa, com a compra dos preparativos durante a semana, mais a ansiedade para a realização da festa e o estar acordado até tarde, preparando as coisas para o dia seguinte. Todos esses fatores contribuíram para o cansaço desse senhor de 72 anos.

da festa do arremate. Devido à hora, muitas pessoas já deixavam o espaço da festa. As folias de reis visitantes esperavam as apresentações dos palhaços para poderem realizar suas partidas, o que fazia concentrar mais foliões dentro do terreiro, nesse momento<sup>22</sup>.

Marcel Mauss no texto: *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do 'eu'* revela uma chave de leitura fundamental para a compreensão desse “enquadramento”. A ideia de “persona latina” e “personagem” são tratadas pelo autor como entidades sociais que revestem o sujeito de valores morais, sociais, religiosos, tal como um “fato social total”. A ideia de “persona latina”, assim como a de máscara, reveste o sujeito de valores sociais que se manifestam de formas diferentes nas mais variadas sociedades analisadas por Mauss. Estes valores são internalizados de forma a contribuir para o desenvolvimento da identidade do sujeito.

Da mesma forma, podemos enquadrar a noção de mestre folião nessa “categoria da noção de pessoa e do eu”. O senhor Antônio José da Silva, em meio à festa do arremate, estava revestido com as características de um sujeito social organizador da festa, completamente envolvido na estrutura social, que estabelece relação com a economia da festa. A preocupação em elaborar uma festa que pudesse durar dezesseis horas, revestia-o do caráter de *dono da festa*. O mestre Fumaça dizia: *preparar uma festa é uma coisa muito sacrificada, é muito difícil fazer a minha festa*.

A questão de *dar uma boa festa* revela o valor moral do folião. Nesse momento, a harmonia da festa está completamente entrelaçada com a figura do mestre Fumaça. O respeito e o prestígio de um *bom mestre de folias de reis* são postos à prova em momentos críticos. Sendo assim, ter o domínio do *fundamento*, conseguir estabelecer e restabelecer a ordem na festa contribui para a categoria moral de *um bom mestre*. O mestre anfitrião é a figura de autoridade máxima dentro da festa. É ele quem recebe e acompanha as demais folias visitantes, permite a entrada e demarca o tempo de apresentação destas. O objeto que o mestre se utiliza para tal é o apito, que fica pendurado em seu pescoço junto a um cordão. O som agudo do apito se sobrepõe aos instrumentos. No momento de sua apresentação, isso acontece quando os foliões visitantes extrapolam o intervalo de tempo de exposição concedido pelo mestre anfitrião, previamente.

---

<sup>22</sup> Após as *chegadas dos palhaços*, as folias de reis que vieram de mais distante pedem para o mestre para realizarem suas *saídas*. Elas seguem o mesmo ritual de chegada, com o entoar das *profecias*, agora direcionadas para a retirada da bandeira do altar, agradecimento e pedido de proteção aos santos para os foliões poderem chegar em casa em paz.

A pessoa do mestre está envolvida em um sistema dinâmico, no qual interagem mestre-festa-devotos-foliões-palhaços-bandeiras-altar-presépio-santos, que a todo o momento necessitam de uma atenção redobrada sobre estes para a manutenção da ordem dentro da festa do arremate. Essa ordem é ameaçada em momentos críticos, como o é caso de uma folia visitante que passou de seu tempo de exposição, prejudicando o grupo que está do lado de fora, esperando para realizar sua apresentação, ou mesmo quando um palhaço tenta transgredir o *fundamento* da folia de reis. São nesses intervalos que exigem uma performance do mestre. Neste aspecto a categoria de análise de Pitty-Rivers chama atenção para a lógica da hospitalidade, onde o posicionamento do anfitrião perante seu hóspede seria uma forma de materializar a hierarquia e o respeito, mas também para o controle de qualquer conflito iminente. Neste ponto Pitty-Rivers traz à luz a noção de hóspede hostil (PITT-RIVERS, 2012).

Nesse momento, o sujeito do mestre se manifesta para restabelecer a ordem naquele local, pois em “enquadramentos” como estes a reputação do mestre é posto em jogo, a permissão ou omissão do mestre diante de atuações que transgridam o *fundamento* da folia de reis fará com que os demais mestres, foliões e devotos daquela festa questionem o conhecimento do mestre mediante sua *missão*. O sujeito do mestre Fumaça está inserido em uma teia de relações entre pessoas e essa responsabilidade do mestre diante do público ali presente faz com que ele incorpore seu papel de mestre e dono da festa. É um conjunto que se aproxima da noção de pessoa, pois para Mauss esta se apresenta como um “fato social total”, englobando as três dimensões inseparáveis do biológico, psicológico e social.

É nessa conjuntura que o mestre Fumaça se posiciona de maneira austera e repreende o mestre de palhaço que tenta transgredir o *fundamento* da folia de reis no caso um, pois a figura do palhaço não pode se aproximar das bandeiras, usando sua máscara (BITTER, 2010), muito menos do presépio.

Quando perguntei ao mestre o porquê de ele ter impedido o palhaço de homenagear o presépio em sua festa do arremate, dia 08/12/2013, pela manhã, no momento das performances dos palhaços, ele me respondeu:

*E presépio é lá lugar de palhaço?! Presépio é lugar dos reis magos dos mestres, para cantar suas profecias, homenagear a sagrada família, mas não é lugar de palhaço não!*

Por que não?

*Vamos voltar lá pro fundamento. Aí quando chegou na casa de... aí eles foram quando chegou, quando estava próximo da casa de Herodes, a estrela lá não apareceu mais. Aí eles foi até o trevo X da Judéia, o trevo X que se fala é uma coisa assim, mais ou menos assim: você segue daqui de Niterói e vai. Quando você chega lá em cima que você parte, deixa eu ver, o itinerário aqui Itaboraí, Rio Bonito: vai, segue assim passa Araruama, Cabo Frio, Friburgo, aí, né, segue então. Aí é o trevo, né, então aí chegou ao lugar mais ou menos assim. Ali os... os magos, quando eles chegaram ali certinho naquele trevo ali:*

*-E agora, como nós fazemos?*

*Mas aí o nego respondeu assim:*

*-Mas o anjo falou que a estrela... antes de nós chegar ao menino a estrela... que a estrela aparecia.*

*Quando ele acabou de falar, a estrela apareceu... mas, sendo assim, por exemplo, assim: o soldado de Herodes não estava acostumado com aquilo, aquela coisa bonita no céu assim e coisa e tal e nunca tinha visto, aquele clarão diferente, clarão das estrelas assim, tudo brilhando, tudo fazendo assim. Ele ficou inibido, olhando:*

*-Como é que podia?*

*Então a estrela podia, então ela rodava, ela rodava assim, ela estava andando, mas, para ele, ela estava parada, mas ela estava rodando assim (um movimento de rotação) e foi levando os magos. Estava acompanhando para onde ela foi. E ele ficou parado, quando chegou um determinado tempo que eles já estavam fora do soldado de Herodes, né? Para ele não sabia aonde a estrela apagou pra ele, pro soldado de Herodes.*

*Nisso que a estrela sumiu no céu, apagou, ele ficou perdido, olhou, caminhou pra cá, caminhou pra lá, caminhou pra cá, caminhou pra lá. Ele não sabia qual o destino. Ele se perdeu, se perdeu, a solução que ele teve? Foi voltar para Jerusalém. Voltou, mas eles seguiram em frente, à procura do messias. Ele voltou pra Jerusalém. Quando chegou lá, Herodes perguntou:*

*-Você, como é que os homens acharam?*

*Ele disse:*

*-Não!*

*E disse:*

*-Não por que, rapaz?*

*-Não porque a estrela apareceu, aí, quando a estrela apagou, eu não vi mais eles. E ele falou assim:*

*-Rapaz, então você vai ficar de castigo aí.*

*Não tinha outra solução, eles têm que ir lá em Belém e voltar, eles tinham que passar por aquele trevo.*

*-Então você fica vigiando eles, quando eles voltarem, vai chamar aqui eles pra perguntar. Você mesmo vai ficar aí vigiando.*

*Aí é isso. O palhaço não conseguiu chegar no presépio. Ele se perdeu. Por isso que não pode se apresentar ao presépio!*

Mas o senhor não acha que o palhaço não sabia disso? Quando ele pediu sua licença para prestar as homenagens dele ao presépio?

*Tem muita gente burra, ele pode ter feito isso em outras casas, mas ali não, por que quem conhece dos fundamentos não deixa o palhaço chegar perto do presépio!*

É importante ressaltar aqui que quando nos referimos à transgressão na festa – na apresentação dos palhaços – esse caráter desviante estaria intimamente ligado à configuração da festa. Se, em um primeiro momento, quem comanda a folia de reis é o mestre, levando sua missão ao terreiro da festa, na chegada dos palhaços existe uma

reconfiguração com os fatores mencionados acima, o que é totalmente diferente de transgredir o *fundamento*, pois este seria uma base que norteia a organização da folia de reis e, se acaso algum integrante tentasse transgredi-lo, sempre haveria um elemento regulador. Em nosso caso, seria o mestre, dono da festa, que repreendia o mestre dos palhaços, perguntando se ele não teria mestre, ou seja, se o brincante não teria alguém que lhe ensinara o básico sobre o *fundamento*.

É nesse “enquadramento” que manifesta uma performance, que pode ser analisada como a manifestação da “persona” do mestre da folia de reis: todo um sistema configurado e regrado de obrigações e proibições que faz com que gere uma tensão para aquele que esteja no centro desse sistema. O mestre Fumaça, mestre da folia de reis anfitriã, que distribui comida para seus visitantes, estava fardado e posicionou-se ao lado do altar para receber as bandeiras, colocando-se entre os palhaços e o altar para recepcionar a chegadas destes. A farda se torna um dos elementos que contribui para materializar essa “pessoa” do mestre Fumaça, uma extensão de seu corpo, imerso em um sistema complexo de religiosidade, de responsabilidades sociais, econômicas e morais. Todo o encargo é sentido pela “pessoa” do mestre Fumaça, que em um momento de tensão agiria “sem pensar”. A todo o momento, o mestre Fumaça está presente na festa, prestando atenção em cada detalhe, principalmente em períodos críticos, como é o caso da chegada dos palhaços no terreiro. É nesse momento que o conhecimento toma forma.

### 1.3. Caso 2: *Assim vocês me desrespeitam! Ora!*

O segundo caso foi na festa do arremate do mestre Fumaça, do dia 6 para o 7 de dezembro de 2014. O horário era as 7:45 horas da manhã e alguns palhaços já haviam chegado no terreiro. A apresentação, que seria realizada naquele momento, era realizada com a presença de dois exímios versadores: um senhor na faixa dos quarenta anos e seu sobrinho na faixa dos vinte anos. Eles eram os palhaços da folia de reis Estrela, da Guia de Campo Grande, do mestre Waldir.

O mais novo fez uma performance, pedindo *licença* para a sua *chegada* e a de seu tio. Quando ele se aproximara do mestre Fumaça, o palhaço mais velho começou suas trovas, de maneira a interromper e complementar os versos de seu sobrinho. Pude observar que a apresentação destes dois palhaços prendeu a atenção do público ali

presente. Nesse momento, o silêncio dos espectadores era uma ótima forma de avaliar o desempenho dos palhaços e o reconhecimento destes como bons ou ruins.

E foi no meio da apresentação desses dois palhaços que ocorreu mais um “enquadre” que denotou conflito entre esses personagens da folia de reis. Os dois palhaços haviam feito a seguinte pergunta ao dono da festa: *Fumaça, você permite a gente pegar pesado?*<sup>23</sup> Na mesma hora, o mestre respondeu que não. Então veio a insistência por parte dos dois palhaços para que o mestre permitisse a chula dos dois.

*Que é isso, Fumaça, a gente é família, a gente pode brincar!  
Pra ficar engraçado!  
As pessoas gostam, Fumaça!  
A gente não vai exagerar não!  
Pra ficar maneiro!*

Mesmo com a insistência do palhaço mais velho, mestre Fumaça era irredutível em seu posicionamento. O interessante é que eu pude notar a postura dos dois palhaços diante do mestre, fazendo seus pedidos, aproximando-se e, em um momento seguinte, abraçando-o, para criar uma espécie de laço de camaradagem diante dos pedidos obstinados. Laço este de camaradagem devido à proximidade das duas folias de reis, pois o mestre Waldir tem dois filhos, o Bruno e o Alan, casados com as duas filhas do mestre Fumaça: a Mazinha e a Verinha, respectivamente. Existe o laço de parentesco forte, mas também o de amizade, que se desenvolveu ao longo dos anos de festa do arremate que essas duas folias organizaram e visitaram.

Mas, mesmo assim, a resposta continuou sendo não. Ao perceber que não ia dar em nada aqueles pedidos quase que suplicantes, o palhaço mais velho começou a entoar uma chula com um teor agressivo, direcionado ao seu sobrinho. Nesse mesmo instante, o apito do mestre rasgou aquele quadro de versos, impossibilitando que o mestre de palhaço continuasse. Houve mais uma insistência, mas o apito do mestre Fumaça foi acionado novamente e, ao tirá-lo da boca, ele pronunciou as seguintes palavras: *Assim vocês me desrespeitam! Ora!*

---

<sup>23</sup> A categoria nativa *pegar pesado* se refere às chulas que contêm um teor de humilhação e ameaça, pelas violências corporais ou mesmo orais, que visam atingir a integridade, ou baixar a virilidade e autoestima daquele palhaço que estiver envolvido na demanda. Em alguns casos, esses versos desencadeiam conflitos corpóreos. Até hoje nos trabalhos que realizei em campo nunca presenciei um conflito que tivesse um desfecho desses. Mas, na maioria dos casos obtidos em minha pesquisa, os palhaços que se destacam nos versos, diziam orgulhosos: *Se prepara pro ano que vem! Esse não foi seu ano! Vamos ver na próxima vez!* São características de desafios direcionados diretamente aos demais palhaços presentes na festa.

O mestre de palhaço encarou o mestre Fumaça, meio que sem ação, pela represália, e, logo após, retirou-se sem dizer nenhuma palavra. Sua saída foi enérgica e agressiva e, mais uma vez, pude perceber a expressão de indignação em seu rosto. O palhaço mais jovem ficou para encerrar sua apresentação. Mas, pelo que pude perceber, ele parecia estar meio constrangido e seus versos foram entoados de forma diferente das chulas que abriram sua apresentação.

#### 1.4. Quando o conhecimento toma forma

A figura do palhaço atrai a atenção de muitos curiosos para o *terreiro*. São em momentos como esses que a expectativa de disputas verbais, em alguns casos também corporais, cria um ambiente de tensão, mas também de diversão.

A festa do arremate acontecia com o recebimento das folias visitantes dentro dos *terreiros*, mas, na parte de fora, os vizinhos e visitantes criavam uma ambiente de festa de rua, com carros de som tocando músicas altas e barracas vendendo comida e bebida. Quando as folias estavam se posicionando para tocarem e realizarem seus ritos na rua, os carros de som diminuía o volume da música e a maioria das pessoas se posicionava para ver as folias se encontrarem. Mas, na maioria das vezes, grande parte das pessoas ficava do lado de fora do *terreiro*, aproveitando a festa de rua e fotografando o encontro das folias. A chegada do palhaço ao *terreiro* é um acontecimento diferente, pelo forte caráter de improviso e brincadeiras. Através de suas performances, as pessoas, nesses momentos, dirigiam-se para dentro do *terreiro* para ver a apresentação.

Esse intervalo da festa era notório, por ter muitos relatos de palhaços que não conseguiam se destacar nos versos e acabavam por *resolver no pau*<sup>24</sup>. Em muitos dos casos já coletados em minha pesquisa<sup>25</sup>, pude notar que a apresentação dos palhaços se desencadeava por ordem da chegada de suas folias. Os palhaços buscavam versar, misturando o *pedido de licença para suas chegadas*, o conhecimento do *fundamento*, com versos de livrinhos populares, e mais versos que desbacassem os demais palhaços. Na

---

<sup>24</sup> Como será exposto no terceiro caso.

<sup>25</sup> Campos realizados através da gravação de áudio, vídeo e fotografias nas festas do arremate do mestre Fumaça nos anos de 2012, 2013, 2014 e 2015.

maioria dos casos, essas chulas versavam sobre ameaças de castigos corporais. Eram esses versos que remetiam à categoria nativa de *pegar pesado*.

Um exemplo de versos que se enquadram nesta categoria nativa de *pegar pesado* se encontra nas chulas do palhaço Pirambeira, da folia de reis do município de Itaocara. Em sua apresentação na festa do arremate do mestre Fumaça, na manhã do dia oito de dezembro de 2013, ele conseguiu desenvolver suas chulas, direcionando os versos ao palhaço que acabara de se apresentar:

*Eu Peço licença ao povo.  
Deixa eu ser inconveniente  
Aqui está Fernandinho,  
Poeta do sangue quente.  
Sou morador de Itaocara,  
Fabricante de repente  
Agora, para quem me assiste,  
Escute e fique ciente.  
Sou Fernandinho, bom de guerra,  
Soldado forte e valente.  
Vim pro campo de batalha,  
Vim armado até os dentes.  
Lambada que dou com a língua  
O poetinha sente.  
Eu sempre sou contratante [?]  
Na farda eu sou Pirambeira.  
Pode fazer arapuça  
Pra tentar me dar rasteira.  
Mas antes de dar o bote, Mulatinho,  
Eu meto o pau na moleira,  
Da cintura pra cima,  
Até rachar a madeira.  
Fumaça, me dá licença  
Pra eu chegar no seu terreiro.  
Compro folheto na feira,  
Me dedico no estudo.  
Se for pra falar do livro,  
Me respeita que eu sou cascudo.  
Tô cansado de poupar  
poetinha linguarudo.  
Pra bater no Pirambeira  
tem que ter muito estudo.  
E pra poeta abeiudo  
eu tenho em casa guardado  
cipó com cinto e com sebo,  
chicote de arame farpado  
pra mim surrar cantador, Mulatinho,  
convencido e relaxado.  
Aonde eu dou minha lambada  
eu deixo o couro marcado,  
mas quando mexe comigo,  
aí eu fico zangado.  
O cabra que me enfrenta,  
eu deixo ele embaraçado.  
Eu dô nó na língua e tripa,  
deixo de bucho virado.*

(Chula do palhaço Pirambeira, na festa do arremate de mestre Fumaça, em 2013)



Voltando ao exemplo explicitado no caso dois, no momento em que os dois palhaços da bandeira Estrela da Guia de Campo Grande se propuseram a *pegar pesado*, eles se comprometeram a não ficar irritados com as provocações que seriam trocadas, caso mestre permitisse. A todo momento eles insistiam, dizendo: *nós somos família, Fumaça! Deixa a gente brincar, é pra ficar engraçado! O povo gosta, Fumaça!*

Mesmo assim, os pedidos eram vetados pelo dono da festa e, no momento da persistência do mestre de palhaço, o apito do mestre Fumaça era acionado mais uma vez, proibindo que aquele *brinquedo* tivesse continuidade. A curiosidade em relação à proibição do mestre me fez questioná-lo, dias depois, e ele me respondeu:

Mestre Fumaça: *Ih, a brincadeira de palhaço é legal, todo mundo gosta, mas se os dois caírem no pau, depois quem fica mal falado sou eu. Se eu digo, vai... e eles brincam, mas depois briga, hum... aí, aí, quem é, quem é que deixou? É melhor não deixar.*

*Eles não ligam não, depois tá tudo brincando aqui de novo.*

*Ficar mal falado* entre os mestres e devotos é uma questão de suma importância para a compreensão do prestígio e reconhecimento diante da comunidade festeira. Mais uma vez podemos acionar a noção da organização da festa como um “fato social total”, no momento em que temos a preocupação moral do mestre diante dos demais visitantes da festa. Não ter o controle da situação ou não conseguir estabelecer a ordem diante do público presente é perder o prestígio de mestre e *ficar mal falado* nas festas do arremate das demais folias ali presentes. Marcel Mauss explora a questão de perda de prestígio em um “potlatch” entre os Kwakiult do noroeste americano, como o é o fato de perder a alma:

No noroeste americano, perder o prestígio é de fato perder a alma: é perder realmente a ‘face’, a máscara da dança, o direito de encarar um espírito, de usar um brasão, um totem, é realmente a *persona* que é assim posta em jogo, que se perde no potlatch, no jogo das dádivas, assim como se pode perdê-la na guerra ou por uma falta ritual. (MAUSS,2003:244-245)

Assim, realizar uma festa do arremate é entrar no jogo das “prestações e contraprestações”, nos quais existem muitas dimensões envolvidas<sup>26</sup>. A questão de estabelecer a ordem reverbera diretamente no campo religioso e cosmológico, tanto quanto no social e moral. A todo o momento, o mestre Fumaça pode passar por alguma provação em relação se ele é conhecedor ou não do *fundamento* da folia de reis. Tanto no

<sup>26</sup> É importante ressaltar que para Mauss não são indivíduos que engajam no “potlatch”, mas pessoas morais, coletividades. O mestre da folia é uma pessoa moral, assim como o palhaço.

exemplo de permitir ao palhaço *prestar homenagem ao presépio*, quanto no sentido de permitir que os palhaços *peguem pesado*, podem ser estes fatores que transgridem o *fundamento*, ou proporcionam a desordem na festa. O mestre Fumaça estava irredutível tanto para um quanto para o outro caso.

Em relação aos dois palhaços, perguntei ao Alan se eles teriam ficados chateados com a situação e se isso implicaria na volta deles para a festa do arremate de 2015. Ele conhece os dois palhaços há tempos, pois estes fazem parte da família do mestre Waldir e Alan teria realizado vários *giros* na companhia deles. Alan, que tem saído de palhaço ao lado da bandeira Nova Flor do Oriente, tem sido uma das pessoas que mais contribui na pesquisa de campo. Explicando-me sobre a atuação e as limitações do palhaço na folia, diz:

*Alan: Os dois são muito bons palhaços, saem com o meu pai faz um tempo. Eles são bem falados nessas festas aí tudo. Mas se o Fumaça não deixou eles pegar pesado, ele não deixou, ué! A gente sabe que é família, que não vai dar em nada não, mas o Fumaça não deixou, fazer o quê?*

*Eles não vão ficar chateados não, vamos ver nas próximas festas [do arremate]. É tudo família, tudo se gosta.*

Em todas as minhas idas a campo, nunca vi um conflito corporal, mas em muitos casos os versadores que competiam, diziam, assim como no caso três, para os demais: “*se prepara pro ano que vem!*”, pois seus versos irão desbancá-los.

Como já foi mencionada anteriormente, a festa do arremate é um campo de redistribuição de bênçãos, mas também é um campo agonístico. Controlar situações conflituosas para que não desencadeie confrontos corporais é o papel do dono da festa. A autoridade do mestre é reconhecida por manter a ordem em sua festa. Logo, em um momento como a apresentação dos palhaços, a atenção do mestre anfitrião é indispensável.

### 1.5. Caso 3: *Fizesse melhor! Ano que vem tem mais!*

Este último caso se trata de uma apresentação de dois palhaços da folia de reis do Morro dos Macacos, no Rio de Janeiro. Os dois palhaços, que beiravam uma faixa de 50

anos, estavam visivelmente alcoolizados, o que tornava seus versos incompreensíveis para o público ali presente. Este impropério acabava por ocasionar a dispersão dos espectadores e, aqueles que ali permaneciam, conversavam alto, o que desagradava e muito o dono da festa.

Antes do período de *pedido de licença para a chegada dos palhaços ao terreiro*, foi combinado entre o dono da festa e os mestres das folias de reis que o intervalo seria de 10 a 15 minutos para cada palhaço *fazer sua chegada*. Mas o que estava ocorrendo na apresentação daqueles dois palhaços gerava um constrangimento para o dono da festa e as demais folias ali presentes. Logo, o apito do mestre foi acionado, o que limitava a apresentação dos dois palhaços, porém, não haviam se passado nem sete minutos de apresentação. Os dois terminaram suas apresentações com algumas acrobacias, deitados no chão, todas bem simples.

O problema se daria em seguida, em que o palhaço Russinho, da folia de reis de Nova Friburgo, fez uma apresentação muito bem elaborada. Ele desencadeava seus versos de maneira a prender a atenção do público ali presente. Percebi isso ao notar que as pessoas se aglomeravam em volta do local para vê-lo se apresentar. Mais uma vez, pude avaliar o silêncio dos espectadores daquele local como uma forma de avaliar o prestígio dado àquele que se apresenta. Os demais palhaços também se aproximavam para prestar atenção e avaliar os versos do Russinho.

*Ai ,meu Deus, meu soberano  
 Bendito já vou falar:  
 Tenho medo e competência  
 Neste modo de chegar.  
 Faço repente ligeiro  
 Na hora que eu desejar.  
 O povo me dá licença  
 Pra eu me acabar de chegar.  
 Eu estou meio no portão,  
 Eu quero nos agachar.  
 Tanto faz a poesia,  
 Eu quero que alegrar  
 Todos vocês me perdoa  
 Meus erros que eu tenho dá.  
 A verdade nunca passa,  
 Eu vou ter que explicar.  
 Bendito seja louvado  
 Eu vou ter que apresentar:  
 Eu sou Russinho de Friburgo,  
 Vocês podem acreditar  
 Mas no brinquedo eu trago  
 Lembranças deste lugar.  
 A poesia, a esperança  
 Tanto faz o meu repente.  
 Quem está sempre, vem aqui*

*Eu fabrico novamente.  
Sou trovão, sou trovada  
Eu sou fogo delinquente.  
E peço uma salva de palmas  
Pra todos os meus assistentes  
(apito do mestre)*

*O poeta determina  
o dever amar o próximo  
Como anda a lei divina  
A paz a de reinar  
Um dia a guerra termina  
O sol não pode parar  
Não vou fechar a cortina  
Meu amigo  
Enquanto Deus me der força  
Eu sigo nesta doutrina  
Meu pensamento clareia  
Como as águas cristalinas  
Eu sou a raiz da cultura, Fumaça  
Meu cantar não desafina  
Eu ei de seguir em frente  
com coragem e disciplina  
Gosto de fazer igual  
Poeta de Leopoldina  
O Russinho é gente fina  
Prazer e sinceridade  
E ai eu me apresento, Fumaça  
Aos amigos da cidade  
O meu nome é Russinho  
Maestro mas com humildade  
Pois eu sei que é verdade  
Uma coisa muito concreta:  
Eu viver fazendo rima.  
Me considero um poeta  
Constituir os valores  
Esta é a minha meta.  
A minha mente é direta,  
É grande em só fazer fato.  
Fruto de nosso amor  
Que reproduz em Palmares.  
Por isso que eu trago a paz, Horizonte,  
Em visitar belos lares.  
Toda vez que tu achares  
Que meu poema traduz  
Se conquistar amor e paz,  
Cuidado com o raio de luz.  
E a fé que trago em mente, Moreninho,  
Esse é o meu capuz.  
Sou enviado por Jesus,  
O nosso pai criador,  
Aquele que nos proteja  
Um poeta trovador.  
Pra mostrar o talento  
Pra essa gente de valor.  
Na luta sou vencedor  
E na força que não erra,  
Avistando o horizonte  
No baixo, ou na serra,  
Com uma força que pode, amigo*

*A paz na face da terra.  
 A minha ciência não erra  
 E o meu estudo é profundo.  
 Desvendo pequeno texto  
 Em hora, minuto e segundo.  
 E peço que permaneça, Horizonte  
 Sobre a terra neste mundo.  
 Cês arreia o vagabundo  
 Todos têm o seu lugar.  
 Deus nos deu braços e pernas, Bigode  
 É pra poder trabalhar.  
 E o espaço de cada um  
 Nós temos que respeitar*

Entretanto, o intervalo de 15 minutos se excedeu, o que fez o palhaço Sete Encruzilhadas, da folia de reis do Morro dos Macacos, exaltar-se e, no meio da apresentação do Russinho, ele começava a reclamar, dizendo que *isso é uma falta de respeito, por que ele pode falar mais?*

Ao término da apresentação de Russinho, que durou uns vinte minutos, o palhaço Sete Encruzilhadas foi para perto dele e começou a reclamar, dizendo que *aquilo era um absurdo e uma falta de respeito com ele*, mas os demais foliões aparataram os dois. Russinho respondia para que ele *fizesse melhor, ano que vem tem mais!*

Devido ao fato de todos compreender a embriaguez do palhaço mais velho, ele foi retirado de perto de onde os palhaços *faziam suas chegadas* e, após, conversaram com ele. A maior parte dos foliões que estavam ao seu lado eram integrantes da sua própria folia.

#### 1.6. Conclusão: do Jogo à Competição

O forte caráter agonístico presente nos três casos etnográficos apresentados acima demonstram o quanto essa manifestação dentro das festas do arremate pode ser comparada à análise de Johan Huizinga em *O jogo e a Competição como Funções Culturais*, cujo autor explora o caráter lúdico e de competição da cultura. Os casos ocorreram nas festas do arremate do mestre Fumaça em anos diferentes e o intervalo de apresentação dos palhaços denota um forte caráter de competitividade para o reconhecimento do prestígio de ser um *bom palhaço*, capaz de versar e desencadear seus versos sem transgredir o fundamento. Será através das brincadeiras e das chulas que os palhaços irão manifestar suas performances, em concorrência com os demais palhaços de outras folias. Eles representavam a folia de reis naquele momento e o reconhecimento dos

demais se tornava uma questão de reputação e prestígio para a folia de reis que ele representava. Essa competição pode ser incluída na categoria de jogo, segundo Huizinga<sup>27</sup>. Outra perspectiva que contribui para a análise desse período da festa são as questões sobre competição e de conflito, apontadas por Simmel. Primeiramente, este sociólogo nos convida a encararmos o conflito como uma força integradora do grupo, no qual: “As hostilidades não só preservam os limites, no interior do grupo, do desaparecimento gradual, como são muitas vezes conscientemente cultivadas para garantir condições para a sobrevivência.” (SIMMEL, 1983:126).

A competição entre os palhaços se enquadra, pois, nessa lógica de força integradora, do grupo de Simmel. Isso se dá no momento que estendemos a disputa pelo reconhecimento e prestígio, não apenas aos palhaços individualmente, mas especialmente ao palhaço representante de uma determinada folia de reis no momento de sua performance. O conflito gerado no momento da competição entre os palhaços corrobora para a centralização do grupo, tornando o palhaço o representante de sua folia de reis. É muito comum encontrarmos mestres nas festas do arremate se vangloriando por terem trazido algum palhaço de prestígio, ou até mesmo vermos o ar e orgulho do mestre no momento da apresentação de seu palhaço.

Mas o importante aqui é notar as duas características principais dentro da folia de reis. Primeiramente, a oralidade será sempre o instrumento que tanto os palhaços, quanto os mestres irão se utilizar. Em segundo lugar, a coesão com essas palavras e a íntima relação destas com *o fundamento* é que vão dar destaque a esses personagens, é a sabedoria do mestre e do palhaço que será posta à prova em cada uma de suas apresentações. Sendo assim, o improviso se torna um elemento chave para a compreensão dos conflitos dentro das folias e da manutenção da autoridade dos mestres e também dos palhaços.

## 1.7. Bibliografia

BITTER, Daniel. *A Bandeira e a Mascara: A circulação de objetos rituais nas folias de reis*. Rio de Janeiro: 7 Letras; Iphan/ CNFCP, 2010.

---

<sup>27</sup> “Em resumo, quanto a saber se temos o direito de incluir a competição na categoria de jogo, podemos, sem hesitações, responder afirmativamente”. (HUIZINGA, 1980:56).

CHAVES, Wagner Neves Diniz, *Na Jornada de Santos Reis: uma etnografia da Folia de Reis do Mestre Tachico*. Rio de Janeiro: UFRJ / MN / PPGAS, 2003.

FELDMAN-. BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: UNESP, 2010.

GUARINELLO, Norberto Luiz. “Festa, Trabalho e Cotidiano”. In: Istvan Jancso; Iris Kantor. (Org.). *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 2001, v. 2, p. 969-975.

HUIZINGA, Johannes. “O jogo e a competição como funções culturais” In: \_\_\_\_\_. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1980, p. 53-86.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do ‘eu’ In: : *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosacnaify. 2003

\_\_\_\_\_. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosacnaify.2003

\_\_\_\_\_. "Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós". In:\_\_\_\_\_. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 425-505

PEREIRA, Luzimar Paulo. *Os Giros do Sagrado: Um Estudo Etnográfico Sobre as folias em Urucuia*. UFRJ / MN / PPGAS, 2009

PEREIRA, Luzimar Paulo. À mesa com os santos: A noção de “fatura” nas folias de Urucuia (Minas Gerais). In: GONÇALVES, José Reginaldo, GUIMARÃES, Roberta Sampaio, BITAR, Nina Pinheiro. *A alma das coisas: patrimônios, materialidade e ressonância*. Rio de Janeiro: MauadX: Faperj, 2013.

PITT-RIVERS, Julian. The law of hospitality. HAU: Journal of Ethnographic Theory. v. 2, n. 1, p. 501-517, 201

SIMMEL, George. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

